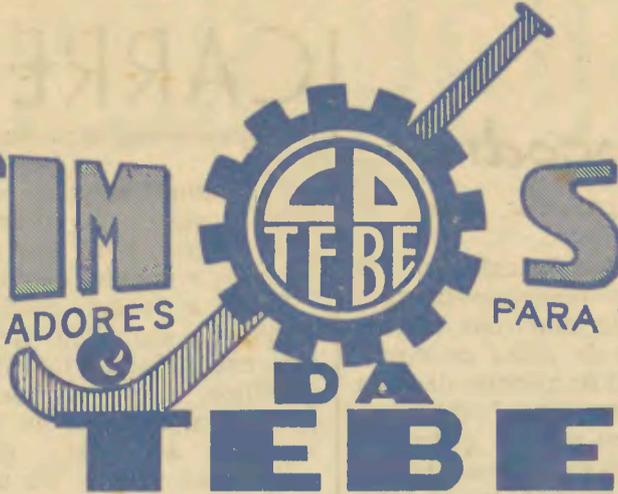


# BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES


C. M. B.  
BIBLIOTECA

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro, 39 - R/c

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

## O VATICANO

A residência de verão.

Observatório astronómico

Por JAIME FERREIRA

ALÉM das suas basílicas, dos seus institutos religiosos e da célebre Universidade Gregoriana, dirigida actualmente por um jesuíta americano e que enumera entre os seus alunos nada menos de doze pontífices, dos quais os mais importantes foram Pio XI e o famoso Leão XIII, a Santa Sé possui também o Pontifical Castel Gandolfo, residência de verão do Papa, desde 1629. Está situado sobre o Lago Albano, numa altitude de 1.397 pés. A vila consiste numa rua única que termina na praça frontal ao Palácio Pontifício. Recentemente, o observatório do Vaticano instalou ali os seus moderníssimos aparelhos de pesquisa astronómica. Tornou-se desse modo, Castel Gandolfo, um importante centro de investigações científicas, substituindo o velho observatório instalado por Gregório XIII, o reformador do calendário.

A Guarda Suíça

Há já muitos anos que os serviços políticos do Vaticano estão perfeitamente organizados. A «Guarda Nobile», seu mais distinto corpo militar, é a guarda

(Continua na página 4)

## A Devoção das «Almas»

### ÍNDICE DE FÉ AUTÊNTICA

Informação segura — já a dizer oficial — garantiu-me que o artigo em «Novidades» de 23 de Janeiro p. p. inserto, sobre a epígrafe *As «Alminhas», poética devoção da alma cristã portuguesa* teve êxito completo, alcançou o objectivo vislumbrado, de alargar a piedade prática para com as almas em penas de purificação.

Para que, de futuro, libertem a apóstola moderna da devoção às Almas, a Senhora D. Sara Cardoso — da Casa da Lage, em Fregino, concelho de Amarante, da pena real, que muito consola sua alma ardente, de atender inúmeros e repetidos pedidos de impressos, cartões, sobrescritos e papel para carta, aqui deixo a informação de qualquer os pode procurar na *Tipografia Fonseca, 74, da Rua da Picaria, da cidade do Porto*. Poupe-mos, o mais que pudermos, a vista fatigada da ilustre e benemérita Senhora, que já tem tanto que fazer, sem ter de escolher e distribuir os papéis impressos e estampados, que naquela casa comercial católica podem ser requisitados facilmente.

O interesse pelo artigo manifestado está patente nos pedidos, que de vários pontos do país estão chovendo, de painéis para os nichos, de impressos, mealheiros, etc.

Quanto a painéis, revelo, com aprazimento de milhares, indubitavelmente, que aquele que a devota Senhora traz mais a peito presentemente é o do recinto na Cova da Iria.

Já pelo Ministro das Obras Públicas foi encarregado o Director da Urbanização de Leiria de escolher o local e, merecendo a aprovação do ministro, dar-se-á início ao monumentozinho do nicho no Coração religioso de Portugal, na terra sagrada de Fátima. Será a expensas da apaixonada apóstola da obra, o que a deixará inibida de interessar-se financeiramente por muitos mais.

Mas o movimento não pára e extraborda das fronteiras metropolitanas das terras de Santa Maria. Alastra por terras do Império. Seguiu já um, muito lindo, policromado, com Nossa Senhora de Fátima em cima e, em baixo, as benditas Almas, para Bissau, na Guiné.

Para a pátria irmã, ou melhor, filha do génio e da fé lusíada, para a capital do Brasil, foi remetido outro, para nicho que português diligenciou lá erigir.

Mas por cá o movimento não estagna. No concelho do Marco de Canaveses, na freguesia de Santa Eulália de Constance, na freguesia de Carvalhosa, perto da Livração novos se erigiram, à beira de caminhos e estradas. Quem vai à feira, para a missa dominical, para o comboio ou caminheta, ali deixa seu testemunho de devoção concretizado em moedas, que se converterão em sufrágio sacrificial.

Em Vila Real de Trás-os-Montes foram restaurados quatro nichos, tendo sido da rota liberalidade da boa Senhora amarantina a contribuição dos painéis.

Também no Porto vai colocar-se um na freguesia citadina do Carvalhido e outro no grande cemitério urbano de Agramonte.

(Continua na página 4)

## MAKTUB

Por Nivaldo Reis

*Quando as pedras  
estrelas se tornarem  
e o nome de Jesus  
deixar de ser  
motivo de chacotas  
nos lábios dos ateus...*

*Quando as rosas  
florirem, deslumbrantes,  
antes da Primavera  
e os próprios judeus  
não mais errarem  
por este mundo afora...*

*Quando os grandes oceanos  
aos céus se elevarem  
e as feras indomáveis  
de nós se aproximarem  
sem nada nos causar...*

*Quando todas as coisas  
[impossíveis  
possíveis se tornarem  
teremos, novamente, sobre  
[a terra  
Jesus o Nazareno...*

*E as velhas profecias,  
reais se tornarão!*

Bauru—1953.

Veja nas páginas interiores as modalidades

DO

SORTEIO «TEBE»

## Recordações da Argentina

## A «Fonda del Cocodrilo»

Por MANUEL A. VIEIRA

(Continuação do número anterior)

NO segundo salão onde estávamos, como disse, havia comensais de vária nacionalidade, predominando famílias italianas, completas, pais, mães e filhos, que só falavam nos seus respectivos idiomas ou dialectos de origem, calabrês, siciliano, ou genovês. Nós, para complemento da Rabel, falávamos na nossa linda língua de Camões.

Isto a alguns vizinhos de mesa causou surpresa, mas ao dono da casa e empregados, não, porque todos os dias ocorria ali gente de todos os cantos da terra e, entre estes, muitos brasileiros; por isso estavam acostumados e julgavam-nos filhos do país irmão e amigo, o Brasil.

Quando terminamos a refeição e pedimos a conta, mandamos que o realejo tocasse, por despedida, novamente a «Maria da Fonte» hino que todos tinhamos aprendido em criança. E, por isso, em alta voz cantamos:

*Lá vem Maria da Fonte  
A cavalo sem cair,  
Com a corneta na mão,  
A tocar a reunir.*

*Eia avante! portuguesas,  
Eia avante sem temer,  
Pela santa liberdade,  
Batalhar ou perecer (bis).*

A nossa canção cafu bem no espírito dos outros comensais, porque, ao terminarmos, ressoaram palmas de todas as mesas.

Um grupo de alemães da mesa mais próxima logo iniciaram o canto de uma marcha guerreira, numa perfeita e harmoniosa combinação de vozes, como se fosse um orfeão. Esperamos que terminasse para os aplaudir e depois retirámo-nos.

Notei que a nossa boa disposição e alegria deixou nos comensais excelente impressão.

Isto de os europeus cantarem as canções pátrias na América, é muito vulgar sobretudo nos franceses e ingleses. Aqueles, quando se encontram em grupo de Whiski a mais, entusiasmam-se e cantam o «God save the King» e os brasileiros, a marcha ao seu pendão áureo-verde.

Para gozar da brisa que corria e para ajudar a digestão, resolvemos dirigir-nos para o centro da cidade, a pé, pela margem do Riachuelo, passando ao lado de grandes depósitos de vigas de ferro, chapas de zinco, arame liso e farpado, lotes de madeira, tudo importado do estrangeiro. Fomos descendo em direcção à Darsena sul e continuaríamos, se não estivéssemos já cansados, pelo passeio Colón até à Praça de Maio.

No próximo número: A BARCA «ELVIRA».

## CARRELL ENSINA

O autor insigne de «O Homem, esse desconhecido», livro que foi lido em todo o mundo, morreu.

Perde a França, perde a humanidade, um sábio de génio, um excepcional investigador científico, que deixou descobertas de valor, entre as quais o «coração artificial», talvez a maior, não tanto — diz um ilustre comentador — pela sua feição espectacular, como pelos princípios metafísicos que revela e descobre.

Carrell dedicou-se de um modo especial a investigar o que há «de mais importante, de mais profundo, na terra — o homem. E, cientificamente encontrou o espírito, que em seu conceito é afinal, o poderoso elemento da vida que a ciência honesta tem de encarar de frente e sem medo».

No campo de observação rigorosamente científica, encontra o homem completo, criação de Deus, tal qual é não só em alma e corpo, mas alma e corpo unidos substancialmente e, por isso, em relações íntimas, cujo conhecimento importa ao psicólogo, ao moralista e ao médico, a todos os que têm de trabalhar sobre o homem, quer considerado em si mesmo, na sua constituição e finalidade individual, quer encarado na sua natureza religiosa, social e política.

A sua obra é a confirmação pela ciência da revelação que Cristo fizera do homem — escre-

ve um ilustre psicólogo —, a confirmação científica das grandes realidades que constituem a grandeza do homem e o preparam para a vida cristã.

Do seu esplêndido labor resulta o sobrenatural que ele sentiu cientificamente.

Ensina que o misticismo é maravilhosamente generoso. Permite ao homem a realização dos seus mais elevados desejos: força interior, luz espiritual, amor divino, paz inefável. A intuição religiosa é tão real como a inspiração estética. Através da contemplação da beleza sobreumana, o místico atinge a verdade última.

É de registar esta lição de Carrell, honra do pensamento, glória da França, pátria privilegiada que foi a de Pascal, Laennec, Pasteur, Ampère e Bergson.

Viu-se obrigado a tomar o caminho do exílio, exílio glorioso na América, cujo centro científico serviu e engrandeceu, regressando à sua Pátria, sempre que esta sofria.

Hostilizava-o, magoava-o, o cientismo, cuja execução é feita magistral e irresponsavelmente por S. E. o Cardeal Patriarca de Lisboa, grande Prelado e grande escritor, no seu livro «A Igreja e o pensamento contemporâneo», uma das mais elevadas e brilhantes manifestações do pensamento em nossos dias. Quem julga já possível o que Renan pretendia: «organizar cientificamente a humanidade»? Contra as pretensões do *cientismo*, verifica-se que a Ciência não soluciona os enigmas do Universo; e que, com a reflexão crítica, veio a confessar que os não pode solucionar.

Não pode haver dúvida — demonstra-o eloquentemente o Cardeal Cerejeira — Mestre e Pastor — que a última palavra da crítica moderna da Ciência é que esta é insuficiente para explicar o mundo e dirigir a vida. A ciência não basta ao homem.

E tanto que depois de longa peregrinação intelectual, o alto pensamento contemporâneo começa a regressar à Igreja Católica.

Terá Carrell entrado na Igreja e nela coroando a sua obra imortal?

Não sei, mas o que sei é que a respeito dela escreveu: a Igreja católica, com o seu profundo conhecimento de psicologia humana, colocou as actividades morais muito acima das intelectuais. Os homens que ele põe acima de todos, não são os condutores dos povos, nem os sábios, nem os filósofos; mas os santos, isto é, aqueles que foram virtuosos com heroicidade.

Quando se estudam os habitantes da cidade moderna vê-se a necessidade prática do senso moral. Este importa mais do

## Sorteio TEBE

Sorteio Tebe será efectuado na 2.ª sexta-feira de Setembro, ou seja no dia 10.

O sorteio obedecerá ao seguinte critério: Serão impressos mil e quinhentos bilhetes, divididos em três séries de quinhentos.

Cada jornal levará um bilhete, com dois números, donde rapidamente se conclue que a 1.ª série, que para maior facilidade de controle, representaremos por **A**, será iniciada em 000 e terminada em 999. A segunda série, que representaremos com a letra **B**, será, igualmente

iniciada em 000 e terminada em 999. A terceira e última série, que representaremos por **C**, será iniciada e terminada do mesmo modo que as anteriores.

Haverá para cada série três prémios valiosos, donde se constata que este sorteio vai favorecer 9 leitores do querido «Boletim Social da Tebe».

## VERIFICAÇÃO DO SORTEIO

Cada leitor consultará a lista da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e se os três últimos algarismos das séries **A**, **B** ou **C** coincidirem com os três últimos da lista em referência, serão esses os contemplados.

## Constituição dos prémios destinados ao sortelo do «Boletim»

Série A — Destinada a Cavalheiros	Série B — Destinada a Senhoras	Série C — Destinada a Crianças
<b>1.º Prémio</b>	<b>1.º Prémio</b>	<b>1.º Prémio</b>
1/2 dúzia de camisolas 55 S/4	1 parure de 2 ps.	1/2 dúzia de camisolas 255 C/6
1/2 » » » 55 C/4	3/12 cuecas 7507/2	1/2 » » cuecas 461/6
1 pullover 2005	1 cinta elástica	2 camisas exteriores
<b>2.º Prémio</b>	<b>2.º Prémio</b>	<b>2.º Prémio</b>
3/12 camisolas 55 S/5	1 combinação 1039	3/12 camisolas 255 C/4
3/12 » » 57 C/5	1/2 dúzia de meias 333	3/12 cuecas 461/4
3/12 cuecas 252/5	2/12 cuecas 501/5	3/12 soquetes 583/5
<b>3.º Prémio</b>	<b>3.º Prémio</b>	<b>3.º Prémio</b>
3/12 camisolas 28 C/4	2/12 camisolas 149 C/2	2/12 camisolas 255 C/3
2/12 cuecas 451/4	3/12 meias 333	2/12 cuecas 464/3

# ÍNDIA PORTUGUESA

**G**OA, DAMÃO e DIU, parcelas sagradas do nosso Império, fundidas e alicerçadas no sangue sacro dos nossos heróis, dos nossos mártires e dos nossos santos, há-de perpetuar-se, através da história, enquanto no sangue luso existir ainda a chama sagrada do respeito pela memória daqueles que, como D. Francisco de Almeida, Afonso de Albuquerque, D. João de Castro, D. João de Mascarenhas, S. Francisco Xavier, Duarte Pacheco Pereira e tantos outros que por obras valorosas souberam levar mais longe, com dignidade e heroísmo, o valor do pendão das quinças. Portugal inteiro estremece de revolta nesta hora conturbada da história pátria.

O atentado maquiavélico dos furiosos indianos do Snr. Nehru que, desrespeitando nossas tradições, nossos elos sagrados da história, nossos direitos político-sociais e geográficos, veio trazer ao seio do mundo civilizado a descrença nas palavras do seu chefe político.

O País inteiro, nesta hora de acendrado patriotismo, grita por Portugal e pela parcela sagrada duma Índia que fôra cimentada mercê de lutas, sacrifícios e sangue querido de heróis.

A Pátria recordando o génio de Afonso de Albuquerque, faz-nos estremecer de patriotismo, dando-nos coragem bastante para não cedermos ao aviltante cantar dum homem que, nos palcos político-internacionais, tem encantado com seu canto de sereia a paz, que diz dever irmanar os homens; mas que ele, cobarde e cínicamente, não cumpre.

A Índia Portuguesa pertence-nos, de facto, como prolongamento histórico e como parcela geográfica ao longo do nosso império colonial.

Transcrevamos da história o feito heróico de Afonso de Albuquerque para recordarmos de que têmpera e de que força eram os homens daquela época:

“Em Abril de 1507 é atacada e tomada Socorotá, destinada a proteger a navegação do Estreito de Adem. Tristão da Cunha segue para Cananor, Albuquerque dirige-se com seis navios para a Costa da Arábia e avança para Ormuz...”

Em fins de Setembro estava no Golfo Pérsico, em frente de Ormuz, principal escala de navegação daquelas paragens. O rei prepara-se para a defesa com uma esquadra composta de mais de 200 galeões e outras velas, que rodearam as naus portuguesas, e 15 a 20.000 homens, dispostos ao longo da praia... Afonso de Albuquerque depois de consultar os seus capitães, mandou-lhe um emissário anunciando-lhe que vinha // “ali com aquela armada de El-Rei de Portugal com desejos de o servir”, // que lhe dissesse portanto, // “se haveria entre eles paz ou guerra” //. A resposta nada continha de positivo. Passaram-se três dias sem chegarem a acordo. Albuquerque, vendo que o rei pretendia ganhar tempo para lhe chegarem reforços, atacou a sua esquadra e fez nela enormes estragos, saindo vencedor”.

São assim as nossas páginas da história e assim queremos que elas continuem para mostrarmos às outras nações que o espírito patriótico da grei permanece puro seja qual for a maneira de pensar de cada um.

A Índia Portuguesa, parcela do nosso património, tem um cunho espiritual, que o evoluir da história não poderá afectar de todo, porque o sangue luso irmanado no goês, a religião de Cristo aureolando a frente dos naturais... é a nossa civilização a civilização deles... É Portugal do Ocidente irmanado no Oriente... Por todas estas razões e por aquela que o mundo civilizado há-de ditar... a Índia Portuguesa será nossa.

O atentado contra esse pedaço de terra é o atentado contra a razão, contra o direito, contra a justiça e contra a dignidade. E um atentado desses só poderá encontrar satisfação numa vingança legítima, filha do nosso temperamento rácico que, de geração em geração se robusteceu em nós, sempre viril e indomável tal como nas batalhas de Ourique e do Salado, de Aljubarrota e Atoleiros.

A nossa acção civilizadora na Índia garante-nos infosismavelmente o direito à nossa soberania, e o mundo civilizado, e em particular, o que tem compromissos, tem de caminhar lado a lado com a nossa bandeira, irmanando-nos assim nos compromissos que se ditaram para se cumprirem. O Mundo há-de compreender-nos—tem de compreender-nos... Somos ainda uma Nação livre e independente. Os nossos aliados, portanto, têm de ajudar-nos a reaver o que nos pertence por direito.

O nome de Vasco da Gama não poderá ser manchado porque Portugal inteiro, desde o Minho ao Algarve e daqui ao resto do Império, gritará bem alto e bem do coração: A Índia Portuguesa é para os Portugueses.

E se fossemos alargando a órbita dos que, por obras valorosas, tornaram Diu, nos seus diversos cercos, montanhas de ossos e sangue, o seu número, ou melhor, o número dos nossos heróis, falaria mais alto por nós do que nós por eles.

Ao falarmos dos grandes, teremos de focar, a figura magna da evangelização, que foi S. Francisco Xavier. Homem puríssimo na acepção mais alta da palavra que, na Ásia e principalmente na Índia, dispersou a sua saúde, as suas comodidades e a sua própria vida. S. Francisco Xavier foi o missionário que levou o nome de Cristo ao interior da barbarie, chegando, por vezes, como ele afirmou, a cançar os braços de baptizar e os lábios de tanto rezar.

Mas a Índia ainda nos deve mais: Deve-nos, em grande parte, a nossa cultura, as nossas tradições, a nossa civilização e até, caros leitores, a nossa maneira, tão humana, de governar.

Portanto a Índia Portuguesa não deixará de ser nossa, porque ela, desde a aldeia mais pequena ao centro mais cosmopolita respira e fala, actua e crê, reza e sente à nossa maneira lusíada, tão cristã, tão latina, tão portuguesa.

E todos nós, irmanados no alto ideal de servir Portugal, quer tenhamos climas políticos diversos, o certo é que somos todos portugueses e como tal, crenes na continuidade da Pátria, que os nossos maiores nos legaram e que nós teremos de legar a nossos filhos.

A Índia, parcela sagrada da Pátria, não será jamais afastada da rota do nosso Império Colonial. Assim o cremos e Deus permita que o vaticínio dum crente seja a verdade para todos nós...

# INDIA PORTUGUESA

The first part of the book describes the geographical situation of the Kingdom of Portugal, its extent, and the various provinces and cities that it encompasses. It details the natural resources, climate, and the diverse population of the kingdom, highlighting the contributions of different regions to the national wealth and power.

The second part of the book focuses on the political and administrative structure of Portugal. It discusses the role of the monarch, the hierarchy of nobles, and the organization of the royal court. It also covers the legal system, the military, and the various institutions that govern the kingdom, providing a comprehensive overview of the state's internal affairs.

The third part of the book explores the economic and social conditions of Portugal. It examines the trade routes, the production of goods, and the distribution of wealth among the different social classes. It also touches upon the cultural and religious life of the kingdom, describing the influence of the Catholic Church and the various orders of monks and nuns.

The fourth and final part of the book discusses the foreign relations and military campaigns of Portugal. It details the kingdom's expansion into Africa, Asia, and the Americas, and the challenges it faced in maintaining its vast empire. It also covers the various treaties and alliances that Portugal entered into with other European powers, and the role it played in the global trade network of the time.

The book provides a detailed account of the various expeditions and discoveries made by Portuguese explorers, such as Vasco da Gama, Bartolomeu Dias, and Pedro Álvares Cabral. It describes the establishment of trading posts and colonies, and the impact of these ventures on the kingdom's economy and international standing.

The text also discusses the challenges and conflicts that Portugal faced during its expansion, including wars with neighboring kingdoms and the competition from other European powers. It highlights the resilience and determination of the Portuguese people, who overcame numerous obstacles to build a powerful and influential empire.

The book concludes with a summary of the achievements of the Portuguese kingdom and a reflection on its legacy in the world. It emphasizes the role of Portugal in the Age of Discovery and the lasting impact of its explorations on the modern world.



# PAGINA DESPORTIVA

Dirigida por JOSÉ PIRES BIGOTE

## O Oquei do Mês

**R**EALIZAR-AM-SE mais jornadas do campeonato Regional a 8.<sup>a</sup>, 9.<sup>a</sup>, 10.<sup>a</sup> e 11.<sup>a</sup>.

Na 8.<sup>a</sup> jornada o nosso Clube venceu o Gil Vicente por 4-1, margem escassa dada o desnível entre os dois grupos.

O Oquei Clube de Barcelos vencendo o F. A. C. por 2-1 conquistou mais dois pontos preciosos.

Académico e Vianense venceram facilmente os seus adversários, respectivamente Vitória de Guimarães e Taipas por 5-3 e 6-3.

Na jornada seguinte, a 9.<sup>a</sup>, o Oquei Clube de Barcelos venceu a TEBE pela margem mínima de 2-1 num jogo bem disputado, em que a vitória tanto podia ser duns como de outros.

F. A. C. e Taipas empataram a 5 bolas, o Vitória de Guimarães venceu por 8-0 o Gil Vicente, e o Vianense em casa bateu o Académico por 4-2.

Na penúltima jornada, a 10.<sup>a</sup>, o Oquei C. de Barcelos venceu o Vitória de Guimarães por 5-1.

O Gil Vicente defrontando o Vianense, perdeu por 16-0 e o T. C. das Taipas foi vencido pelo Académico por 5-0.

A nota mais saliente da jornada, foi a maneira como decorreu o jogo TEBE-F. A. C. que viemos a perder por 6-4.

(Continua na 3.<sup>a</sup> coluna)

## Solução Ideal

**J**Á tivemos ocasião de afirmar nestas colunas que os Clubes são uma grande família, onde deve sempre reinar um grande espírito de solidariedade.

Acontece porém que como em todas as famílias, há infelizmente alguns membros que não querem compreender essas relações mas antes pelo contrário, procuram por todas as formas engendrar motivos de desunião e pretextos para contendas, em que a má fé dum das partes é bem nítida.

Um Clube é aquilo que os responsáveis por ele, ou sejam os Directores, querem que ele seja.

Não basta apenas assumir as responsabilidades inerentes a um cargo, o principal é saber se existirá capacidade e personalidade para o exercer, de forma a não atraiçoar as leis mais elementares das relações entre homens.

Certos factos há que convenientemente apreciados, sem qualquer espécie de partidatismo, nos lembram aqueles saudosos tempos da escola em que por birras de criança não se fazia isto ou aquilo apenas com o intuito de contrariar e imitar as outras crianças.

Um Clube desportivo tem atrás do seu nome responsabilidades que não podem ser atribuídas a crianças com birras, mas sim a homens com sólida formação e que não se deixem arrastar por impulsos irreflectidos e prejudiciais à colectividade que dirigem.

É esta afinal a solução para os múltiplos problemas que resultam das desuniões entre Clubes.

Que o Desporto sirva para estreitar mais os laços que devem ligar os homens e não para os dividir, e arrastar a que-relas mesquinhas, reveladoras apenas da irresponsabilidade dum das partes.

Pires Bigote

## O Oquei do Mês

(Continuação da 1.<sup>a</sup> coluna)

A invasão do rinque e a agressão a vários dos nossos atletas, veio demonstrar a pouca educação e o pouco desportivismo da assistência e dos jogadores de Famalicão.

A TEBE protestou o jogo.

Na última jornada, a 11.<sup>a</sup>, o Oquei Clube de Barcelos perdeu com o Vianense por 5-9 e a TEBE perdeu com o T. Oquei Clube Taipas por 9-3.

Na nossa equipa faltaram o guarda-redes e o médio, pelo que o rendimento da mesma esteve muito abaixo do normal.

Resultados de jornadas em atraso:

1.<sup>a</sup> Jornada — Académ., 4 — Vitória, 4  
5.<sup>a</sup> » — Taipas, 11 — Gil, 0  
6.<sup>a</sup> » — Taipas, 4 — Vitória, 3

## Noticiário

O Académico Basket Clube desistiu do Campeonato Regional de Júniores e consta que na próxima época não teremos a sua presença no Campeonato de Séniores.

— Do Centro Universitário do Porto para o Sport Clube Vianense foi transferido o patinador Frederico José Be-gonha.

— Pela Associação de Patinagem do Minho foi ordenado inquirido às ocorrências do jogo FAC.-TEBE.

que a inteligência. Quando ele desaparece dum nação, toda a estrutura social começa de desagregar-se.

A falência do cientismo confessa-a Eça de Queirós, nas suas "Notas Contemporâneas" quando diz a respeito da Ciência: "Que em torno de cada casta verdade que ela conquista, se esfende logo irremediavelmente um imenso campo de incerteza.

Apenas ela consegue, suando e gemendo, encontrar a porta que julgávamos ser a última do sacrário — imediatamente diante de nós aparece uma porta maior, mais dura, mais impenetrável.

A razão sem a fé gera a incerteza. É doloroso mais decisivo o caso de Antero de Quental.

Este não era um filósofo, mas conhecia profundamente todas as doutrinas filosóficas do seu século, especialmente as germânicas, que morreram com Carrell.

(Continua)

Visado pela Comissão de Censura

## Fiação e Tecelagem em Seda

Por FELISBERTO RODRIGUES

**N**INGUÉM ignora, por certo, que Portugal pode sem desfavor indicar-se entre os pioneiros na fiação e tecelagem em seda. Convirá, no entanto, ras-

cunhar algumas palavras para eliminar uma ou outra dúvida que porventura persista.

É do domínio da História que aos muçulmanos se deve a intro-

dução na Península do sirgo e da tecelagem em seda. Carecemos de elementos comprovativos, mas somos levados a aceitar a sua existência antiquíssima Lusitânia.

Na verdade, o maometano fez a reputação têxtil de Sevilha, Córdoba, Almería, Múrcia e Málaga, cujas sedas se espalharam aos quatro cantos do Mundo com crescente apreço. Lisboa e Silves refulgiam pelo seu comércio e opulência, mercê da sua grande comunicação pela navegação costeira.

(Continua)

## João Gonçalves Martins

Um nome ao serviço das conceituadas águas  
: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

« A MUNDIAL »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

## Publicidade

Por nos ser inteiramente impossível, dada a falta de espaço, inserir maior volume de publicidade no número do mês de Agosto, desde já informamos os nossos estimados anunciantes que toda a publicidade que nos seja dada a partir de hoje só virá publicada no número de Setembro.

## O VATICANO

## A Guarda Suíça

(Continuação da página 1)

Montada do Papa nas celebrações políticas. O seu comando é sempre confiado a um príncipe romano. A «Guarda Palatina», mais conhecida por «Guarda de Honra do Papa» é dirigida pelo mestre de cerimónias da Cidade Pontifícia e as suas atribuições são mínimas.

A «Guarda Suíça», instituída há muitos séculos, é — no entanto — a mais famosa e conhecida polícia do Vaticano.

A instâncias do cardeal Schinner, suíço, os Cantões de Zurich e Lucerna fizeram, em 1505, um acordo como o Papa Júlio II, segundo o qual escolheria esse Pontífice 250 cidadãos suíços para a sua guarda pessoal. Desde então, tornou-se efectiva no Vaticano a curiosa organização policial, cujo efectivo foi reduzido há algum tempo, para 110 homens e 10 oficiais. Desde a assinatura do Tratado de Latrão, a Guarda Suíça constituiu-se numa organização característica, uma comunidade integrada na vida interna do Vaticano.

Os soldados falam dialectos germânicos das suas respectivas províncias de origem, e alimentam-se quase invariavelmente deste «menú» típico: salchichas, queijos e cerveja...

Entre os seus divertimentos predilectos estão os jogos de cartas e as recreações do «Clube Camponês».

Possuem uma notabilíssima banda de corneteiros e para manter boa disposição física praticam o futebol «association». O uniforme usual, desenhado há quatro séculos por Miguel Angelo, é uma bizarra combinação de vermelho, amarelo e azul. Algumas vezes trajam azul-escuro com capas negras.

Somente suíços natos podem alistar-se na Guarda, devendo cada candidato exhibir um certificado declaratório da sua elegibilidade para o serviço militar do seu país, certidão baptismal e testemunho de idoneidade moral. Os requisitos físicos exigem 5 pés e oito polegadas de altura, saúde perfeita e nenhuma deformação exterior.

A nova cidade do Vaticano possui uma prisão modelo não apenas na sua estrutura, como também na sua organização. Desde o estabelecimento da soberania estatal até Dezembro de 1938, sete pessoas apenas incorreram na letra penal do Código Pontifício. Uma foi absolvida. Outras sofreram penas variando de 5 a 3 anos de prisão celular.

No próximo artigo: *Publicações do Vaticano e os Mosaicos decorativos.*

## JOANINHA e CARLOS

Conto de ALMEIDA GARRETT

Sobre uma espécie de banco rústico de verdura, tapeçado de grammas e de macela brava, Joaninha, meio recostada, meio deitada, dormia profundamente.

A luz baça do crepúsculo coada ainda pelos ramos das árvores, iluminava tibiamente as expressivas feições da donzela; e as formas graciosas de seu corpo se desenhavam mole e voluptuosamente no fundo vaporoso e vago das exalações da terra, com uma incerteza e indecisão de contornos que redobrava o encanto do quadro, e permitia à imaginação exaltada percorrer toda a escala de harmonia das graças femininas.

Era um ideal do *demi-jour* da coquete parisiense: sem arte nem estudo, lho preparara a natureza em seu *boudoir* de folhagem perfumado da brisa recendente dos prados.

Como nessas poéticas e populares lendas de um dos mais poéticos livros que se têm escrito, o *Flos-Sanctorum*, em que a ave querida e fadada acompanhava sempre a amável santa de sua afeição — Joaninha não estava ali sem o seu mavioso companheiro. Do mais espesso da ramagem, que fazia sobrecéu àquele leito de verdura, saía uma torrente de melodias, vagas e ondulantes como a selva com o vento, fortes, bravas, e admiráveis de irregularidade e invenção, como as bárbaras endechas de um poeta selvagem das montanhas... Era um rouxinol, um dos queridos rouxinóis do vale que ali ficara de vela e companhia à sua protectora, à menina do seu nome.

Com o aproximar dos soldados, e o cochichar do curto diálogo que no fim do último capítulo se referiu, cessara por alguns momentos o delicioso canto da avezinha; mas quando o oficial, postadas as sentinelas a distância, voltou pé ante pé e entrou cautelosamente para debaixo das árvores, já o rouxinol tinha tornado ao seu canto, e não o suspendeu outra vez agora, antes o redobrou de trilos e gorgeios, e do mais alto de sua voz agudíssima veio descaindo depois em uns suspiros tão magoados, tão sentidos, que não disseras senão que preludiava a mais

terna e maviosa cena de amor que esse vale tivesse visto.

O oficial... — Mas certo que as amáveis leitoras querem saber com quem tratam, e exigem, pelo menos, uma esquiça rápida e a largos traços do novo actor que lhes vou apresentar em cena.

Têm razão as amáveis leitoras, é um dever de romancista a que se não pode faltar.

O oficial era moço, talvez que tinha trinta anos; posto que o trato das armas, o rigor das estações, e o selo visível dos cuidados que trazia estampado no

rostro, acentuassem já mais fortemente, em feições de homem feito, as que ainda devia arredondar a juventude.

A sua estatura era mediana, o corpo delgado, mas o peito largo e forte como precisa um coração de homem para pulsar livre: seu porte gentil e decidido de homem de guerra, desenhava-se perfeitamente sob o expresse e largo sobretudo militar — espécie de *great coat* inglês que a imitação das

modas britânicas tinha tornado familiar aos nossos bivaques. Trazia-o desabotoado e descaído para trás, porque a noite não era fria; e via-se por baixo elegantemente cingida ao corpo a fardeta parda dos caçadores, realçada de seus característicos alamares pretos e avivada de encarnado...

Uniforme tão militar, tão nacional, tão caro a nossas recordações — que essas gentes, prostituidoras de quanto havia nobre, popular e respeitado nesta terra, proscreveram do exercício... por muito português demais talvez! deram-lhe baixa para os beleguins da alfândega, reformaram-no em uniforme da bicha!

Não pude resistir a esta reflexão: as amáveis leitoras me perdoem por interromper com ela o meu retrato.

Mas quando pinto, quando vou riscando e colorindo as minhas figuras, sou como aqueles pintores da Idade Média que entrelaçavam, nos seus painéis, dísticos e sentenças, fitas lavradas de moralidades e conceitos... talvez porque não sabiam dar aos gestos e atitudes expressão bastante para dizer por eles o que assim escreviam, e servia a



ALMEIDA GARRETT

## A Devoção das Almas

(Continuação da página 1)

A propósito: que ideia magnífica a de promover a erecção destes nichos à entrada, ou em sítio bem visível e acessível nos cemitérios das freguesias rurais, mas mormente das vilas e cidades, destacando especialissimamente as grandes de Lisboa, Porto, Coimbra, Setúbal, Braga, Évora...

Os milhares de fiéis que neles entram seriam despertadores da Fé e pregadores do dogma da vida eterna e do purgatório temporário para além da vida presente.

Quantos contributos de piedade pelas Almas não seriam ali depositados e, ao cabo, quantos milhares de missas não seriam celebradas com as esmolas ou óbulos caridosos de tantos. Lucro para os vivos, sufrágio para os finados. Se os párcos, confrarias das Almas ou até Juntas de paróquias e Câmaras Municipais se resolverem, que fogo se não poderá acender, que incêndio se não virá a atear.

Ainda que susceptibilize a modéstia da piedosa apóstola, creio que dou uma informação de alcance jornalístico por ser em primeira mão e ao mesmo tempo de satisfação para os admiradores da fervente e bondosa senhora: Há três anos já que a missa da Comunhão geral na Cova da Iria, no dia treze de cada mês, é oferecida pelas benditas Almas e em especial pelas das obrigações dos peregrinos. O estipêndio desta missa vem sendo oferecido por D. Sara Cardoso.

Quer ela assim esforçar-se por que aquele lugar de privilégio para os vivos o seja também para os mortos.

Patenteia a apóstola das Almas o anseio de que os peregrinos, sem prejuízo de outras intenções íntimas, se unam a esta.

Sabemos da consolação extravagante que sente quando lhe chegam os mealheiros de barro, adrede confeccionados para colocar em casas particulares, estabelecimentos, etc., cheios com moedas, muitas de prata, no valor de 50, 100, 200 e até trezentos escudos. Só um nicho de Amaranthe tem rendido para oitenta e seis missas anuais. Ajudemos a alastrar o fogo e assim iremos esvasiando o Purgatório, grangeando advogados e amigos no Céu e assegurando sufrágios para o dia da nossa purificação final.

Francisco de Babo

Este número é de 4

páginas.

O de Agosto, come-

morativo do 1.º ani-

versário do nosso

«BOLETIM»

será de 24.

pena de suplemento e ilustração ao pincel... Talvez: e talvez pelo mesmo motivo caio eu no mesmo defeito...